

Kupfer 766 24042026

### **Como a Região Amazônica sobrevive?**

Com os estudos realizados pela equipe do Institut Martius-Staden em 2019 na Região Amazônica, a situação crítica da floresta tropical e seus efeitos em toda a América do Sul foram reconhecidos e publicados. Quando viajamos pela BR 163 de Santarém a Cuiabá em outubro e novembro de 2019, a tarefa era determinar, observar e analisar a fronteira entre a floresta tropical e a área agrícola.

Desde 2004, esse trabalho tem sido realizado cientificamente pelo Instituto de Pesquisas Ambiental da Amazonia com sua estação Tanguro em Querência, Mato Grosso. Por ocasião de seu 20º aniversário, foi apresentado um relatório em 2024 que apresenta a situação atual na Região Amazônica de Pará e Mato Grosso de forma mais abrangente e detalhada do que qualquer outro até hoje.

Com tentativas de investigar o problema dos incêndios florestais, incêndios foram iniciados nessa estação científica de forma direcionada e controlada, em um ritmo de um ano e três anos. Os resultados foram surpreendentes, pois a área queimada não se desenvolveu em uma savana (cerrado), mas uma série inteira de plantas e árvores cresceu novamente a partir da terra queimada. No entanto, as típicas plantas e árvores amazônicas não conseguiram despertar novamente, mas, além da gramínea das estepes, cresceram plantas e árvores mais resistentes, conhecidas em muitas regiões do Brasil.

Nesses testes e estudos, foi constatado que os incêndios são menos prejudiciais à natureza do que a limpeza completa e o cultivo agrícola, especialmente a monocultura de soja.

Um fator importante nessa mudança é o aumento da temperatura. A região do Xingú, que ainda está intacta, tem uma temperatura cinco graus menor do que a região de monocultura em Mato Grosso. Estudos posteriores mostraram que, para cada grau de aumento de temperatura, a produtividade do cultivo de soja diminuiu seis por cento. Isso significa que, hoje, cientistas, nativos e agricultores teriam interesse comum em controlar, restringir e até mesmo replantar a mudança da floresta tropical para as zonas agrícolas.

Como efeito colateral, desastres de chuva e enchentes como o do ano passado no Rio Grande do Sul poderiam ser evitados.

Kupfer 766 24042026

## **Wie überlebt die Region Amazonas?**

Mit den Studien die das Team des Instituts Martius-Staden im Jahr 2019 im Amazonasgebiet durchführte, wurde die kritische Situation des Regenwaldes und seinen Auswirkungen auf gesamt Südamerika erkannt und entsprechend veröffentlicht. Als wir im Oktober und November 2019 die BR 163 von Santarém nach Cuiabá abfuhren war die Aufgabe, die Grenze zwischen dem Regenwald und dem landwirtschaftlich bearbeiteten Gebiet festzustellen, zu beobachten und zu analysieren.

Seit dem Jahr 2004 wird diese Arbeit wissenschaftlich vom Instituto de Pesquisas Ambiental da Amazonia mit ihrer Station Tanguro in Querência, Mato Grosso durchgeführt. Zu ihrem 20 jährigen Jubiläum wurde im Jahr 2024 ein Bericht vorgelegt, der so umfassend und detailliert die heutige Situation im Amazonasgebiet von Pará und Mato Grosso darstellt wie bisher kein anderer.

Mit Versuchen das Problem der Flächenbrände zu untersuchen, wurden in dieser Wissenschaftsstation gezielt und kontrolliert Brände gelegt, im Rythmus von einem Jahr und von drei Jahren. Die Ergebnisse waren erstaunlich, denn das abgebrannte Gebiet entwickelte sich keineswegs zu eine Savanne (Cerrado), sondern eine ganze Reihe von Pflanzen und auch Bäume wuchsen wieder aus der verbrannten Erde. Allerdings gelang es den amazonas-typischen Pflanzen und Bäume nicht wieder zu erwachen, sondern neben Steppengras wuchsen auch resistenterere Pflanzen und Bäume die man in vielen Gebieten Brasiliens kennt.

Bei diesen Versuchen und Studien wurde festgestellt, dass die Brände für die Natur weniger schädlich sind, als die komplette Rodung und der landwirtschaftliche Anbau, besonders die Monokultur des Sojaanbaus.

Ein wesentlicher Faktor dieser Veränderung ist der Temperaturanstieg. Das noch intakte Xingugebiet hat eine fünf Grad niedere Temperatur als die Region der Monokulturen in Mato Grosso. Weitere Studien haben ergeben, dass bei jedem Grad Temperaturanstieg die Produktivität des Sojaanbaus um sechs Prozent zurückgeht. Dies bedeutet, dass heute Wissenschaftler, Eingeborene und Agrikultoren ein gemeinsames Interesse haben müssten die Veränderung von Regenwald in landwirtschaftliche Zonen zu kontrollieren, zu beschränken und sogar mit einer Wiederbepflanzung zu beginnen.

Als Nebeneffekt könnten Regen- und Flutkatastrophen wie letztes Jahr in Rio Grande do Sul vermieden werden.